



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAISES: UNI-VOS!

Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

Por um 1.º de Maio de massas!

A Caminho do Rompimento da legalidade fascista!

O prognóstico que fizemos, após o 18 de Janeiro, acaba de ter a sua inteira confirmação.

No próprio auge dos cantos de sereia do salazarismo, sobre a grande vitória do «Estado Corporativo», o nosso Partido proclamou que o 18 de Janeiro creara uma nova etapa no movimento revolucionário português.

Quando os escorraçados do Partido Comunista, os semi-trotskistas traidores, deram corpo ao grupo «Luta de Classes» e vaticinaram que todo o movimento revolucionário havia derruído, nós respondemos a estes messias:

... Em Portugal, não foi aberta uma perspectiva italiana. O 18 de Janeiro quebrou a Ditadura o melhor e intrapés da sua estabilidade; a relativa, machada as ilusões revirallistas e anarquistas no seio do proletariado, anunciou a aproximação da crise revolucionária e a passagem do Partido Comunista à maioridade política.

«A sustentação relativa da Ditadura — dizia o artigo de fundo do nº. 1 do nosso jornal — está irremediavelmente ligada ao problema da manutenção da paz entre as classes.»

Esta pequena passagem caracteriza todo um caminho estratégico que o nosso Partido se assinalou — o caminho fundamental de todo um período de luta pelo rompimento da frente do adversário de classe.

Correr a organização das lutas de massas e ao estímulo da indignação anti-fascista destas últimas dentro das novas condições criadas ao movimento revolucionário português, isto representava transformar a própria lua de mel do «Estado Corporativo» em começo da agonia da Ditadura e reduzir toda a ideologia fascista a uma ideologia de gangster, erigida em método de governação do Estado capitalista.

O último ano de percurso da história nacional foi, incomparavelmente, rico de ensinamentos.

A Ditadura lançou-se à conquista das massas, quando a fórmula Ditadura Militar era já insuficiente para manter a dominação do capitalismo. Ao cabo dum ano de luta pelo fascismo totalitário, o salazarismo apresenta este balanço positivo: Todo o edifício do «Estado Novo» e do «Portugal Maior», não passa dum montão de decretos, dum ribeiro de instituições e dum ribeiro de saliva. Entre as massas cleva-se o ódio anti-fascista contra o mesmo «Estado Novo». E a defecção já invade os próprios quadros das fôças de vanguarda do fascismo.

Paralelamente, as grandes massas despojam-se das ilusões «revirallistas» que as separaram da luta independente, nas condições do próximo passado. Ao mesmo tempo que as massas acumulam no seu seio o potencial revolucionário e se dispõem a tomar o caminho russo, como o seu raminho, os chefes do «revirallo» entram num novo período de azáfama. Porém estes chefes, até na sua missão aliciadora, chegam-se por toda a parte, e no terreno civil, e no terreno militar, com as forças activas que seguem, cada vez mais, o caminho que lhes assinala o nosso Partido.

O anarquismo e o anarco-sindicalismo derruem inexoravelmente. O socialismo do tipo 2.º Internacional ou Internacional 2.º não existe no país como corrente concentrada em Partido.

Portugal encontra-se hoje numa situação particularíssima. A Ditadura foi posta à prova e metida a ridículo, quando em face do crescimento revolucionário mundial e português, nos próprios escalões da burguesia nacional já se alarga a descrença em Salazar, e ao capitalismo português escaccia a capacidade de nanobar e lhe falta um para-raios, para impedir a deslocação do grosso das massas pobres e radicalizadas para o campo da influência do Partido Comunista.

Finalmente, o nosso Partido reforça-se para a guerra de exterminio do poder do capitalismo, nas próprias condições da guerra civil, posta em prática pela ditadura contra o Partido Comunista e contra a luta de classes.

O movimento proletário, a luta de classes, lava-se das chagas que lhe tolgheram o ascenso no próximo passado.

A semana de 25/2 Fevereiro/Março, acaba de falar muito e muito alto. Esta semana desenrolou-se nas condições da realização de festas consagradas à «Política do espírito», de banquetes de «frente única nacionalista», de entrevistas concedidas por Salazar aos grandes rotativos, de conferências com os altos comandos, de mobilização de todas as forças da policia, de parabéns dobradas de Policia de Segurança, pejando completamente as ruas, e dum actividade enorme da Policia de Informações.

Entretanto, a palavra de ordem do nosso Partido nem por isso deixou de materializar-se em larga escala.

Em Lisboa esta semana teve a sua expressão de rua. Os districtos e os pequenos placards pulularam

pelas dardes. Na Rua do Ouro caiu uma aluvião de manifestos e de pequinhas folhas de agitação. Bandeiras vermelhas flutuaram em vários pontos (elevador de St. Justa, Rua Maria Pia, Alcântara, C.U.F., etc.). Em Alcântara e na Esperança tiveram lugar comícios relâmpagos assistidos por grossas centenas de povo. Na Parceria deu-se a interrupção temporária do trabalho, a bordo de um dos navios ali em fabrico. No entreposto de Alcântara, um troço de operários parou em sinal de luta pela libertação de Thälmann. Nas principais fábricas a agitação interior tomou uma acentuada expressão. A Carris de Ferro de Lisboa, assinala um caso deveras interessante: Muitos placards foram afixados — placards que, no fim, a policia e os agentes da companhia, arrancaram, com

pinças, afim de descobrirem, pelo exame das impressões digitais, quem os tinha ali afixado. Formaram-se varios comités de luta pelas reivindicações concretas dos operários. A Juventude Comunista, que havia deliberado compartilhar na jornada do Partido, agitou a juventude trabalhadora e estudantil. No Arsenal da Marinha, um comité de aprendizes lutou pela questão da promoção. Em todas as escolas primarias tiveram lugar comícios relâmpagos. Na Academia registaram-se varias acções.

Na própria terça-feira de carnaval um cartão distribuiu, em plena Avenida a liberdade, um pequeno folheto camuflado da Comissão Inter-Sindical.

No Bairro da Bandeira vermelha, a policia e os agentes da companhia, arrancaram, com

Continua na 6.ª página

Reina a paz nas Asturias...

A experiência revolucionária levou a uma introdução difícil. Por terem-na adquirido, por terem dissecado a história da Comuna de Paris e da sua própria tentativa de 1905, os estrategas da revolução Soviética de 1917 pouparam aos soldados, aos camponeses e aos operários russos a atrocidade da derrota e do terror branco.

Quando as organizações qualificadas do proletariado internacional passaram um mebuloso revista os acontecimentos e os preparativos do Outubro espanhol assinalarão, sem dúvida, a ausência, do lado dos operários revolucionários, das massas decididas dos camponeses, de soldados e de oprimidos coloniais; buscarão a quem cabe a responsabilidade deste fatal desdenho, em face do trabalho antimilitarista.

Limitemo-nos a acentuar que apesar desta lacuna o inimigo burguês não pode já, sem perigo, utilizar as suas próprias armas.

Interprete do estado de espírito das suas tropas, o tenente-coronel Lopes Bravo que comandava o batalhão de Africa declarou aos seus amigos: «jâmais os meus homens dispararão sobre os seus irmãos». O comandante foi pouco depois destituído. É altamente significativo este outro ponto: a revolta do regimento de Gerona, a manifestação dos aviadores de Leão e a sublevação dos marinheiros de Santander.

Nas Asturias um soldado foi morto por um oficial por ter dito: «Não posso matar estes homens».

Para defrontar estas dificuldades e para vencer os amotinados, o Govern-

no viu-se obrigado a recorrer às tropas de Africa à Legião estrangeira «tercios similares (a bat. d'As) atiradores marroquinos, composto exclusivamente de indígenas».

Eis aqui um exemplo da tarefa que os jesuitas fascistas podem confiar à Legião.

A 10 de Novembro um reporter burguês correspondente da «Voz de Guipúzcoa», escreve: Testemunhá de crueldades espantosas cometidas pela legião e pelas tropas marroquinas havia reunido documentos. Dois de entre eles eram terríveis. Eram 1) uma ordem secreta, obrigando os oficiais a fuzilar em acto todo o que fosse encontrado com armas; 2) uma fotografia de um soldado marroquino que levava na cintura duas cabeças recentemente cortadas.

O tenente russo branco Ivanof teve conhecimento que o reporter estava de posse destes documentos. Averiguou o seu paradeiro e deteve-o.

Luiz Sirval, no momento de ser preso conseguiu fazer chegar a Ortega e Gassel o seguinte bilhete: «Prisioneiro em Oviedo. Rogo-lhe interceda junto Ochoa. Sirval».

Este bilhete chegou ao seu destino e imediatamente Ortega telefonou a Ochoa. Era tarde. No dia seguinte, 27, o oficial russo branco da legião estrangeira penetrou na cela e assassinou o reporter para apossar-se dos documentos e suprimir a testemunha.

(Do folheto:

«O choque entre duas Espanhas»
«Defense-Éditions» - Paris

Avante na organização d contra o Fascismo, contra a Fome e pela an

Um ano depois da "grande vitória" do "Estado Novo,"

Há cerca de um ano, a ditadura anunciou em tom de gala, que havia derrotado, para sempre, o Partido Comunista e a luta de classes.

Qual é a situação, nos comêços de 1935?

O comunismo, o adversário principal da ditadura!

O 18 de Janeiro e todos os movimentos revolucionários e anti-fascistas que se lhe seguiram demonstraram que a luta de classes é indomável, apesar da vaga terrorista desencadeada pelo «Estado Novo» contra ela. A luta heroica do proletariado, na medida em que se conduz nas vias de frente única e de acção de classe contra classe desperta os camponeses pobres e os efectivos radicalizados da pequena burguesia e da intelectualidade e arrasta-os, atrás de si, ao combate insurreccional victorioso contra a política de fome e de opressão do fascismo.

Quando os Salazares clamam: o comunismo é o único perigo! — isto quer dizer que não só a ditadura, mas os politicos da burguesia, em geral, já difficilmente podem opôr um di que a vaga revolucionária de massas que toma corpo no país e que põe em brecha o sistema capitalista

A falência da ideia do fascismo totalitário!

As proclamações demagógicas salazaristas, de «nova era de progresso, de felicidade e de resurgimento português», alcançada por meio da *colaboração de classes*, não conseguiram promover a consolidação do fascismo totalitário. Os Sindicatos Nacionais e as Casas do Povo, nem dum modo muito passageiro conseguiram ganhar as massas para a ditadura. A A. E. V. não chegou a ascender ás condições de milícia fascista, de estado mossulimico, capaz de fazer de irmã gêmea da Policia de Informações, na repressão da luta de classes do proletariado. A cruzada do «Secretariado de Propaganda Nacional», de provocação à União Soviética, revigora, contra a própria vontade dos fascistas, o ódio das massas à ditadura e acreceu-lhes a simpatia pela Patria do Proletariado e dos Camponeses livres. As proclamações magestáticas de «Portugal que se prestigia ante os olhares do estrangeiro» não representam senão uma politica salazarista de *alta comedia* destinada a desviar as atenções do estrangeiro e das próprias massas do campo nacional, da bancarrota já aberta pelo «Estado Novo», em relação à solução da crise e da fome que revolva as entranhas do país. Para assegurar a sua *grande victoria* nas eleições para a Assembleia Nacional, o Governo de cretoreu ás assembleias de voto que lhe fabricassem 80 a 90% dos sufrágios de todo o eleitorado.

As forças revolucionarias consolidam-se, apesar do terror fascista!

O Partido Comunista, vanguarda duma classe invencível — a classe proletária — encontra-se hoje, imensamente mais ligado à sua classe. Onde o proletariado e os camponeses sofrem as agruras da crise, da exploração capitalista e da opressão fascista, o nosso Partido encontra-se a seu lado, ensinando-lhes o meio de organização da resistência e tomando a cabeça da luta. As massas das cidades e dos campos, até nas suas lutas espontâneas, seguem, cada vez mais, as palavras de ordem e métodos de luta do nosso Partido. A repressão sanguinária do comunismo pelo verbigero fascista só veio revelar as grandes massas exploradas que elas já vão dispondo dum Partido que se retempere de heroísmo, inteiramente votado à causa da libertação

da classe operária, dos camponeses e dos oprimidos pelo regime fascista.

O movimento sindical revolucionário reorganiza-se dum modo impetuoso e muito mais enquadra nas vias da I.S.V. O Socorro Vermelho revigora a sua função de socorro às vítimas do fascismo. A Frente anti-fascista encontra novas condições para se transformar em Frente de luta victoriosa de massas contra o fascismo e a guerra. A imprensa ilegal revolucionária marcha victoriosamente à conquista da legalidade na luta revolucionária contra o capitalismo opressor.

Aos maus dias vão seguir-se peores dias!

Situação da classe operária

Os primeiros *contratos colectivos*, ou vão ser firmados sobre a base do salário-hora de 1375 (chapeleiros), ou já foram firmados à base da redução de 75% da taxa de abono de 8 hor. s extraordinárias (conserveiros). A nova lei do horário de trabalho retira o direito à jornada de 8 horas a novos milhares de trabalhadores, e torna-lhes obrigatório o trabalho extraordinário, desalfecado em 50% da sua remuneração. A redução dos salários e o trabalho das mulheres e dos jovens, realizado nas condições duma perfeita escravatura, formam a politica central dos capitalistas e dos empresários que o Estado da Ditadura protege e encoraja. O desemprego agrava-se com novos despedimentos em massa. Aos trabalhadores agrícolas não é reconhecido um limi e legal de jornada de trabalho, nem lhes é prestado o mínimo socorro e desemprego. O *Sub-Secretário das Corporações* fixou em 6300 e 7300 o salário nos trabalhos públicos e nas estradas e proclamou ao patronato: «Se quereis obter melhores normas de produção, associai-vos em grêmios!»

O Fascismo nos campos Camponeses produtores de trigo!

Os fascistas enverdam-vos, durante vários anos, com os gritos: — Não para a boca! Pão para a boca!

Vós entregasteis-vos mais entranhadamente à cultura do trigo, iludidos pelos gritos da ditadura. Duran e esses anos vós visteis que só a grande lavoura é que conseguiu lucrar com a demagogia da ditadura. Vós, pelo contrário, continueis sendo as maiores vítimas, entregues, complelam nte, a grande moagem açambarcadora e aos especuladores do campo, aos usurários e ao crédito hipotecário.

Agora os Ministros do «Estado Novo», passaram a clamar que é preciso que a lavoura produza melhor e mais barato, e que as terras menos apropriadas à cultura do trigo devem entregar-se a outros destinos.

Que representa esta nova politica agrária do «Estado Novo»? Representa que o governo encoraja, novamente, os grandes lavradores a alargarem a cultura do trigo, por meio do melhor emprego da maquinaria e dos adubos quimicos e da maior exploração do trabalhadores agrícolas ao mesmo tempo que n ma parte das vossas terras se proíbe a cultura do trigo e que a redução dos preços do trigo, em proj. etc, vai colar-vos, no futuro, que se abre numa impossibilidade muito maior, de resistirdes à concorrência da propriedade latifundiária.

Para conseguir a vossa ruína completa, o Governo reorganiza a Federação Nacional dos Produtores de Trigo. A Federação dos Produtores de Trigo foi declarad , pelos fascistas *uma instituição de interesse publico*. Ao mesmo tempo, é estabelecido que só os maiores produtores de trigo podem constituir o Conselho Geral da Federação. Só este conselho é que pode negociar o crédito para as culturas do trigo podendo penhorar até, como base de garantia desse crédito, a vossa própria produção, que se

encontra nos celeiros municipais. No fim, o Conselho Geral da Federação dispõe duma *perfeit carta de alforria* para distribuir o crédito como entendida, pela camarilha dos grandes lavradores.

Camponeses vinhateiros!

Na região do Centro e Sul de Portugal, vós tendes-vos levantado em massa, contra a Federação vinícola fascista. Em alguns pontos, vós tendes gritado: Abaixo a Federação! Viva a Ditadura!

Isto demonstra que vós ainda marenais, em parte, sob o império da influencia politica dos grandes vinhatres.

A Federação é uma obra levada aos campos pela ditadura, para agravar muito mais a miséria dos vossos lares pobres e já arruinados.

O Partido Comunista afirmou-vos que, depois de 22 de Outubro, o Governo da ditadura passou inteiramente para as mãos dos grandes ricos da industria, do capital e da agricultura.

A ditadura, com efeito, acaba de dar-vos uma resposta fascista aos vossos protestos contra a Federação.

O vinho dos produtores directos vai ser pura e simplesmente arreadado do mercado. As novas plantações vitícolas vão ser arrancadas e são proibidas novas enxerhas. O Governo declara que é obrigatória a contribuição do imposto de 15 18% para a Federação. E, por fim, a ditadura, que vos disse que tornaria sagrado o vosso labor da terra, vêm agora declarar-vos que toda a produção que excede o consumo *representa um valor irrealizável*, que é como quem diz *não tem valor!!!*

Camponeses pobres e médios, em geral!

As novas medidas agrárias da ditadura agravam as condições da vossa vida e não constituem senão um ponto de partida para o estabelecimento duma ofensiva geral nos campos, que tem por fim reduzir-vos à miséria mais cruaente, em beneficio exclusivo dos grandes lavradores.

Quebrai as ilusões em toda a politica de *organização agrária da ditadura!*

Nem o fascismo, nem as velhas formas da democracia podem dar-vos uma saída à crise e a miséria! O remédio não está nas federações fascistas, nem em qualquer reorganização de cooperação dos produtores do trigo, dos grêmios, das Adegas Regionais e da Federação dos vinticultores do Centro e Sul de Portugal.

O remédio está na luta aberta e ntra as federações e contra a ditadura, na vossa aliança de combate com o proletariado, e na luta pela instauração do Governo Operário e Camponês.

As lóas do fascismo e dos grandes lavradores, vós deveis opôr as vossas reclamações independentes:

Liberdade de venda dos produtos da lavoura pobre! Crédito generalizado e barato para a media e pequena lavoura! Socorro financeiro do Estado aos camponeses pobres e médios nos maus anos agrícolas! Supressão de todos os impostos de trabalho e sobre a terra e de todos os impostos e contribuições para as Federações fascistas! Jornada de 8 horas e socorro de desemprego, pago pelo Estado e pelos grandes lavradores, para os vabalhadores agrícolas! Protecção à mulher e às jovens trabalhadoras da agricultura!

Associai-vos à semana de 25-2 de Fevereiro-Março, de luta contra a guerra, contra o fascismo e pelas vossas reivindicações concretas.

O Estado Novo é a guerra!

Explorados e oprimidos! Intelectuais e anti-fascistas!

O Governo de Salazar anunciou que vai prosseguir na execução do programa nazifascista e promover o rearmamento do exercito. Ultimamente, o grande publico tem sido brindado com uma copiosa literatura militar, e mais de 60

'Eu assumo a responsabilidade de tudo o que fiz em nome do Governo Operário e Camponês..'

Declara Rakosi, ex-comissário do povo na República Soviética Húngara de 1919, durante o julgamento, começado o mês passado, em Budapeste.

Em 1926, Rakosi foi condenado, pela sua actividade comunista, a 8 anos e meio de prisão, que acaba de cumprir. Então, o governo húngaro não considerava conveniente julgar Rakosi pelos seus «crimes» praticados em 1919. Passados 15 anos resuscitou aquêle processo, pelo qual pede a pena de morte para o nosso camarada.

Este processo prende a atenção de todo o mundo. Ele não é mais do que a vingança do fascismo contra homens inteiramente dedicados à defesa dos interesses da classe operária.

Juristas eminentes de vários países declaram que, segundo os princípios do direito internacional, os actos dum governo reconhecido de facto não podem ser despojados, retroactivamente, da sua legalidade por um governo sucessor.

Por falta de espaço não podemos inserir os debates do processo, mas daremos um resumo para elucidar o proletariado português deste famoso julgamento.

Rakosi é acusado, principalmente: de alta traição, rebelião vinte e sete assassinatos, incitamento a vinte e sete assassinatos e fabricação de moeda falsa.

A acusação fundamenta-se no facto d'êlle ter tomado parte nas sessões do Conselho dos Comissários do Povo, nas qua se tomaram disposições que conduziram aos «crimes» apontados.

Rakosi começa por declarar que não se reconhece culpado. As várias perguntas do juiz respondem-lhe voltado da Rússia em 1918, tendo aderido ao Partido Comunista e que se dedicou à organização e propaganda. Não tomou parte na ataque à fabrica de armas, nem nas manifestações operárias de Salgotarjan. Foi preso com mais 66 comunistas, acusados da ataque ao jornal «Nepszava», em que foram mortos vários policias; isto não passou dum provocação, como a de Bia-Torbagy, pretextado para desencadear uma repressão contra o movimento comunista.

Sobre a repressão da greve ferroviária diz que ella era vital para o poder operário. No momento em que se lutava com as armas na mão, contra o imperialismo tcheco, o cond. Stephan Betlen, organizava a greve dos empregados ferroviários do Sul. Este era, o seu patriotismo!

Depois declara que nenhuma violência foi necessária para conquistar o poder:

«A força do movimento operário era irresistível, os soldados estavam conosco».

A pergunta: «Porque tinheis necessidade de declarar o estado de guerra», responde:

Nos sabiamos, por toda a experiência histórica, que a burguesia não aceita voluntariamente que se lhe arranque o poder. Os movimentos contra-revolucionários que reberntaram depois, confirmaram, na Hungria também, esta verdade histórica. Por outro lado, a burguesia tem apelado, em épocas críticas, á arma do estado de guerra.

A primeira medida do governo Szeged foi a proclamação da lei marcial.

A respeito das «atrocidades» cometidas pelo poder operário, dizem terem sido opaladas, pelo mundo, os mais fantásticos rumores. Assim, enquanto se afirmava que tinham visto 300 cadáveres no Instituto anatómico, o professor Nemeth diz que nesse Instituto só ha luzar para 25 cadáveres.

Quanto aos objectivos da guerra vermelha declara que era a conquista aos tchecos e aos romenos dos territórios húngaros ocupados. Se não o conseguiram isso se deve á decomposição do exercito, provocada pelos officiaes contra-revolucionários.

No número seguinte continuaremos dando noticia das outras sessões, nomeadamente, da que trata da emissão dos 3.500 milhões de corças.

Os "centros,, ilegais de zinovief levam ao assassinato do camarada KIROF

As «Zvezdas» relatam-nos como foi enorme a indignação de todos os trabalhadores da União Soviética ao lerem a acta de acusação contra a organização contra revolucionária de Zinovief. Instigadores de assassina-tos, Zinovief, Kamenef e companhia, não hesitaram ante nenhum meio para fazer fracassar a obra grandiosa da edificação socialista. Só arrojaram a sua máscara de hipocrisia, quando desmascarados pelos seus cúmplices de todos os crimes praticados contra o partido, a classe operária, o socialismo e o movimento proletário internacional. No último Congresso do Partido, apelarum para a sua generosidade, entoaram himnos ás suas vitórias e foram readmitidos. Acabam de cometer outra traição. Ao mesmo tempo que juravam fidelidade, glorificavam os êxitos do Partido e adulavam os chefes, organizavam centros ilegais, alegavam-se com as dificuldades, esperavam o «descala-

bro» e atizavam o ódio contra os chefes do Partido.

«Pronunciando palavras revolucionárias, agrupavam os seus quadros contra a revolução. Convidavam à construção socialista e ao mesmo organizavam as suas forças para a atacar». Elevando até ás nuvens a linha geral do partido, procuravam suprimi-lo. «Estes crimes acabaram na traição á pátria socialista, recorrendo a um consal estrangeiro, e na violência sangrenta: o assassinato de Kirof.

Concentraram toda a podridão contra-revolucionária, nos seus quadros, e a louca excitação contra o partido em nada se distinguia da dos fascistas. As esperanças de intervenção estrangeira põem em evidência o sentido político da tese de «Clemenceau» (quando o inimigo está á porta, proveíta a situação a muda o governo). Aprentad, há anos, pela opposição Trotski-Zinovief

As tendências anti-soviéticas desta opposição foram postas a nu pelo partido quando ella se correu ao «trabalho ilegal. Hoje, este «trabalho» desenvolveu-se e produziu também círculos terroristas. «Tal é a lógica da luta contra o partido, uma lógica que transforma os partideantes nesta luta em elementos degenerados — verdadeiramente fascistas. O processo demonstrou que o «Centro de Moscovo», dos partidários de Zinovief, não incitou directamente a actos ou planos terroristas.

Mas, demonstrou irrefutavelmente, que os chefes do «Centro de Moscovo» conheciam as tendências terroristas do ódio contra a direcção do partido, e criavam nos seus círculos fechados uma atmosfera tal que o tiro de pistola devia ser o resultado fôrta desta atmosfera. Eis a razão porque o tribunal proletário condenou esta gente.»

O tribunal mostrou-se generoso e deixou-os com vida, apesar do castigo implacavel exigido pelos trabalhadores. Estão a ferros para proteger o país dos sovietes contra estes inimigos perigosos.

«Nunca a tese de Lenine — toda a opposição que continua a sua luta conduz inevitavelmente ao campo da contra-revolução e torna-se o ponto de atração de toda a forças contra-revolucionárias — foi tão brilhantemente comprovada.» Por isso existem tantos defensores desta opposição no campo capitalista, e também se procurou apresentá-la como uma conspiração grandiosa, que levaria a grandes lutas de rua.

«O Partido e a classe operária reforçarão a sua vigilância e responderão, com um potente agrupamento das suas forças em torno da sua direcção, em torno de Staline, cujo nome é o simbolo das grandes e gloriosas victórias do socialismo.»

Operários portugueses dos E. U. A.

Os operários da Colónia Portuguesa dos Estados Unidos da América têm levantado protestos contra a repressão fascista em Portugal. Têm endereçado telegramas a Salazar e Carnotina protestando contra a forma barbara como os antifascistas portugueses são tratados nas prisões e solidarizam-se com as campanhas do S.V.I. a avôr das vítimas do fascismo.

Politica Internacional

O facto culminante da politica internacional, no mês de janeiro, foi o plebiscito do Sarre, que se realizou sob a ameaça das baionetas do S.D.N., pbstes o servi, o das violências hitlerianas.

Alem do ilimitado terrôr espalhado pelos nazis, vários factores contribuíram para o resultado favoravel à Alemanha, nestaque mos os seguintes: O proletariado do Sarre estava farto de suportar a iniqua exploração dos capitalistas franceses e esse estado de espirito predispoz-lo para se deixar iludir pelas promessas hitlerianas duma melhoria de situação desde que o Sarre voltasse a integrar-se na Alemanha. A burocracia do Sarre criou uma rede de espionagem e de intimidação de todos os elementos anti-fascistas e a policia não só não procurou impedir mas favor ceu a acção das S.A., que se se deram ao trabalho de se vestirem a paisana. Os padres católicos, sob as ordens dos bispos de Treves e de Colónia, fizeram um intensa propaganda pela união à Alemanha, mas o facto que mais influuiu e determinou as proporgões da victória de Hitler foi o accordo relativo ao carvão e a outras qu stões materiais estabelecido, antes do plebiscito, entre os magnates franceses e alemães. Essa transacção demonstrou á população do Sarre que a volta à Alemanha era coisa decidida entre os governos francès e alemão e que, por consequência, toda a resistencia não oferecia nenhuma perspectiva de victória. Poderia afirmar-se que só o P.C. se conservou firme na opposição ao nazismo! Os 50 mil votos contra Hitler representam apenas 5 mil a mais do que os que o P.C. do Sarre levou nas ultimas eleições.

O que é indispensavel que o proletariado compreenda, para estar vigilante, é que a votação do Sarre marcou o inicio dum novo reagrupamento das forças burguesas anti-soviéticas. As intrigas internacionais tomaram desde então uma rara envergadura. A Inglaterra pelo officioso Times, propôs logo a legalização do rearmamento da Alemanha e a sua readmissão imediata na S.D.N. sob a base do reconhecimento da igualdade de direitos. O plano

britânico associaria uma Alemanha rearmada a uma Europa armada até aos dentes. Mas o verdadeiro caracter dessa politica inglesa é o seguinte. Desde há dois anos as duas forças mais conservadoras tornaram-se em advogado das pretensões de Deterding que consistem em que as grandes potências deixem as mãos livres à Alemanha para Leste comprometendo se ella a renunciar ás suas pretensões a Oeste e ao centro da Europa. Os fascistas de Berlim encontram nos de Varsóvia um tal apoio para as suas pretensões contra a U.R.S.S., que o seu estreitamento de relações chegou ao ponto que significa a morte da aliança entre a França e a Polónia.

Mas nesta data Laval e Flaminj viajam para Londres e a Inglaterra terá de esclarecer os seus intuitos, porque a conversa será sobre o Pacto de Leste que define a politica francesa com relação à Alemanha. Para intelligência do que se redermos os termos do problema: A França, prefilhando uma iniciativa soviética, propoz ás potências interessadas, e particularmente à Alemanha e à Polónia a conclusão dum pacto que garantisse as fronteiras de todos os signatários. A Alemanha e a Polónia repetiram a proposta francesa. O Governo francès renovou a proposta a Berlim e a Varsóvia. As coisas estão nesse pé. Que fará a França se esses dois países insistirem na sua recusa? Ainda que não oficial, eis a resposta que é transmitida pela S.D.N.: Se Hitler e Pilsudski não mudarem de acititude a França assinará, ainda que sos nha, o Pacto de Leste. Laval fez suas, em Génèbra, as palavras de Litvinov.

Felicitamo-nos por ver que a diplomacia soviética, graças á força que lhe confere o apoio das grandes massas trabalhadoras, consegue impôr a sua implacavel linha em favor da paz a um país como a França. Mas as declarações não bastam. É preciso acabar de vez com o jogo subtil que consiste em prodigalizar declarações de amor à URSS e a favorecer, por actos, as intrigas de Hitler e Deterding.



Por uma melhor organização e difusão de "AVANTE!",

"Avante!" penetra cada vez mais nas massas trabalhadoras do país. Prova isto, o facto da tiragem aumentar de número para número, cerca de 10%. Contudo, o progresso é demasiado lento, se tivermos em atenção o ambiente que a cerca e o nosso Partido, ambiente este verificado por outros índices. A organização da distribuição de "Avante!" e da recolha do produto da sua venda é ainda deficiente:

a) A situação da distribuição em todo o país, ainda não foi conseguida e isto tem prejudicado bastante a importância da nossa publicação.

b) Os responsáveis pela venda do jornal, salvo raras excepções, não fazem uma requisição prévia do número de exemplares que precisam.

c) Para alguns pontos o jornal chegou atrasado e alguns dias depois de pronto, porque os responsáveis não aparecem no dia e hora marcados. Citamos o Barral, como a organização que bate o recorde das falhas deste género.

d) O produto da venda dos jornais, entra numa forma muito irregular. Chamamos a atenção dos Comités do Partido para este assunto: São os informados, por vários camaradas, que, dum modo geral, o dinheiro recolhido, com uma perda que mal atinge 10%. Pois não nos chega mais do que 60%. Onde fica a diferença?

Entre as organizações mais relacionadas citamos: O C.R. do Barral, que não pagou nenhuma exemplar dos nºs 4 e 5.

Entre os camaradas e organizações modelo:

O Camarada R, que paga os 480 ex., que vende, de 7 a 10 dias depois de lhe serem entregues.

A Organização Revolucionária da

Armadilha que paga a 100% antes da saída do número seguinte.

Vem a propósito dizer que, os camaradas marinheiros, conseguem recolher 97% da venda do "Marinheiro Vermelho", de toda a Armada.

e) Outro ponto para o qual chamamos a atenção de todos os camaradas é o seguinte:

Muitos camaradas pagam, do seu bolso, alguns exemplares: distribuem-nos grátis, metem-nos nas caixas de correio ou deixam-nos em diversos locais para serem lidos por quem, por acaso, os apanha. Esta mesma táctica deve ser adoptada com os manifestos e folhas volantes, porém não deve ser adoptada em relação aos jornais.

Os jornais e nomeadamente o "Avante!", são elementos que nos permitem estabelecer contacto com os membros do partido. Por tanto deverão ser entregues por nós, a cada um dos camaradas a quem se destinam, os quais devem pagá-lo, porque assim demonstram a vontade em os lerem e a e nitidez que lhes merecem os membros do Partido que lhes entregam.

Deste modo a tiragem do jornal servem-nos de índice, para medir a capacidade do Partido para mobilizar as massas, o que não sucede quando abandonamos os jornais, com a esperança que os leiam.

Cada um dos exemplares de "Avante!", deve ser pago e o produto entregue ao Comité Central!

O exemplo dos camaradas que apontamos, prova que é possível melhorarmos a organização da venda do jornal, condição sem a qual ele não pode viver.

Lutemos por um jornal de massas!

Todos os membros do Partido são obrigados a pagar a sua cota!

Muitos camaradas, membros do Partido, têm descuidado o pagamento das cotas, passando-se muitas semanas que o não fazem.

A Comog lembra a todos os camaradas o estabelecido pelo Partido e pelos estatutos da Internacional Comunista a este respeito: «São membros do Partido os camaradas que trabalham numa das suas organizações e pagam regularmente as suas cotas».

Todos os camaradas, sem excepção, mesmo os empregados, são obrigados a pagarem as suas cotas.

Um comunista, desempregado, que não consegue que os simpatizantes, que á sua volta gravitam, paguem a sua cota, demonstra não estar ligado ás massas.

A cota, mínima, é de 500 por semana, exceptuando os soldados, que pagam 510, dada a sua situação especial.

Todas as organizações (células, Comité de Zona, Locais, Regionais, Central, Frações, etc.) devem fora de cada mês, apresentar um relatório de cotas, as organizações superiores.

Os Comités de Zona e Locais ficam com 25% do total recebido; os Regionais com 25%; as Frações centrais não recebem percentagem; o restante é entregue á Comog. As organizações militares ficam com o total das cotizações.

A partir de Março, o selo de cotização é o que tem sido adoptado com a sobretaxa: «1935».

NOVOS METODOS de Agitação

O Eosforo — Misturando 25 gr. máz de massa fosfórica e 250 de azeite de canela, aquecendo, entãmente, a mistura, obtém-se uma combinação com a seguinte propriedade, utilizavel por nós:

Com o liquido resultante pode escrever-se sobre uma superfície branca, sem que seja possível ver-se de dia, mas brilhando intensamente de noite. Patavias de ordem e cristas, no anoitecer, mantem-se tão visíveis durante algumas horas.

O Sulfato de cobre — O sulfato de cobre que quasi todos conhecem é azul. Se o aquecermos, perde a água que contém e fica branco. Se o dissolvermos em qualquer liquido que não contenha água, como a gatzolha ou o alcohol, obtemos um liquido sem cor, como a água. Podemos escrever com este liquido, no papel ou nas paredes brancas, sem que se possa ler o que se escreveu. Mas, passado pouco tempo, com a humidade da atmosfera, ou lançando-lhe em cima um pouco de água, apparece-nos tudo azul.

O Nitrato de Prata — Dissolve-se o nitrato de prata em água na proporção de 1 parte de nitrato e 3 de água, obtém-se um liquido com o qual podemos escrever, se for possível ler ás escuras. Pela acção da luz, o que se escreveu entrecoe. Se escrevermos a noite, podemos ler, aos primeiros raios de sol, tudo quanto tivermos escrito.

Os Soldados Manifestam-se!

TAVIRA — O mal estar, que de há muito se manifesta entre os operários e os camponeses da região, vai tocando, cada vez mais fortemente, os soldados.

Uma consciência nítida de classe vai-os ligando aos trabalhadores e afastando-os de dominio das classes possuidoras.

A mentos de Janeiro, um grupo de soldados percorreu as ruas da cidade, manifestando-se contra a ditadura e o seu regime de fome e de miséria.

Quiram-se gritos de: «Viva a liberdade! Abaixo a Ditadura!»

Como eles fazem historia...

Dum pasquim datilografado, intitulado «O Jovem Anarquista», extractamos esta passagem:

«No livro do comunista John Reed — Os Dez dias que abalaram o mundo — transcrevem-se documentos que provam a ignorância de Lênine perante o desenrolar dos acontecimentos, no meio dos quais andava "ás aranhas"»

Já lêste «os dez dias que abalaram o mundo», leitor?

Tiras daí as conclusões a que chegaram os autores do pasquim acima mencionado?

Não achas que já é preciso ter-se perdido completamente a cabeça para ariscarse semelhante baboseira?

Esta bate o record do anarco-politronismo. Adiante.

RECENSEAMENTO DE FILIADOS

A necessidade dum cadastro de filiados é evidente. Por êle podemos avaliar os efectivos exactos do Partido, a sua composição, quais os pontos de maior concentração do Partido, onde se somos mais fracos e avaliar as causas da flutuação nas nossas fileiras. Uma vez de possidêstes elementos a Comissão Central de Organização pode auxiliar dum modo muito mais eficaz as diversas organizações do Partido, no seu trabalho.

Por isso resolveu a Comog Central fazer um novo recenseamento. Todos os camaradas, membros do Partido, deverão preencher um impresso, que lhe foi distribuído, e cujo modelo apresentamos mais abaixo. Os que os não receberam, por qualquer razão, deverão reorientar este, preenchê-lo e fazê-lo seguir para a Comog Central.

Não pode haver relutancia de parte de nenhum camarada em o preencher dado que em nada o pode comprometer.

Chamamos a atenção dos camaradas sobre esta resolução que deve ser rigorosamente cumprida. Dentro do prazo máximo dum mês, a partir da data da publicação desta resolução, serão considerados como excluídos do Partido todos os camaradas que não tiverem preenchido o impresso seguinte:

- Regional de.....
- Local ou Zona.....
- Célula nº.....
- Número.....
- Nome do.....
- Data de filiação.....
- Situado ou não.....
- Finado no S. V. I. ou não.....
- Cargos desempenhados.....
- Arma a que pertenceste no Exército.....

Um levantamento de camponeses

O DELEITE (Algrove) — Desde o reinado de D. José que, por «adivã real», os vizinhos da freguesia de Odeleite, concelho de Castro Marim, vinham disfrutando a posse duma propriedade, com cerca de 4000 hectares. As «Terras da Ordem», por direito, são propriedade do povo da freguesia, havendo muitas terras e fazendas que voem passando de pais para filhos desde os mais antigos tempos.

Desde o «25 de Maio» que um grande lavrador, Jacinto Celorinho Palma, tem tentado, por várias vezes, apoderar-se das «Terras da Ordem». Agora, favorecido por Salazar, apossou-se delas e man a construir um «monte».

O povo, indignado, invade a propriedade, que lhe pertence, e destrói o edificio em construção. Ele requisitou a tropa e sob a vigilância da força armada, concluiu o edificio.

O povo não desiste dos seus direitos. Surgem conflitos; há camponeses presos e deportados; há causas judiciais, sempre favoráveis aos camponeses, mas elles de facto não conseguem explorar as terras que lhes pertencem.

Ultimamente, o Palma comete um acto, tão bárbaro e selvagem, que irrita até os da sua própria classe: Ordenou aos seus lavradores a destruição total do trabalho dos pobres camponeses. Com arados, destruiu por completo as sementeiras desses lavradores, deixando os na mais completa miséria.

Homens, mulheres e crianças dirigiram-se, em bloco, ao monte, man-

dam sair toda a gente e destroem-no completamente.

Há um celeiro repleto de trigo, mas fechado. A chave está na posse do Palma, ausente. É a unica casa que fica de pé. A multidão de esfomeados não destruiu o trigo nem o celeiro, para que o trigo se não danificasse. Começam as represões e as violências. Vem 3 companhias de guardas e policiaes, com metralhadoras.

Há prisões e emigrações. Apesar de tudo a imprensa burguesa cala-se! É necessário destruir todas as noticias das manifestações de massas, para que cada trabalhador se julgue isolado. É uma das tacticas de luta do fascismo. (Do nosso correspondente)

N.R. — Não devemos deixar sem uma nota o que fica.

O movimento espontâneo que nos relatam, prova que a influencia do Partido e dos seus métodos de luta vai penetrando nas massas. Mas, justamente por não serem dirigidos directamente pelo Partido, observam-se fraquezas. No caso da não destruição do celeiro vê-se que a massa se afasta dos métodos anarquistas, aconselhados pela F.A.I., na Andaluzia em especial. Eles dizem que se deve destruir. Os camponeses não destruíram. Mas, não deviam ficar apenas no não destruir.

A massa devia apoderar-se do trigo que o produto do seu trabalho e levá-lo para suas casas.

Camponeses de todo o país, segui o exemplo dos nossos camaradas de Odeleite!

a luta contra a Guerra, amnistia para os anti-fascistas encarcerados!

dos diplomas apresentados pelo Governo à «Assembleia Nacional» prendem-se directa ou indirectamente com a questão da guerra.

Os grandes exercícios navais e de campo vão começar dentro em pouco e as colónias recebem novos governados e militares e novas brigadas de oficiais do exército. Os grandes magnates da Indústria Industrial exaltam «os meios de acção, o aperfeiçoamento técnico e o progresso que trará a indústria o rearmamento do exército».

«O problema militar, é o problema mais insistente e de maior interesse, no campo da política superior! Todas as engranagens da vida social deverão ser envolvidas no mecanismo que ha-de disparar e manter um luta de vida ou de morte! Portanto, necessário promover o ressurgimento do nosso espírito nacional, fundado no culto da tradição da História e no sentimento de um fio de todos os portugueses! Todos os Ministérios são de Defesa Nacional, em face do que hoje representa a execução duma guerra! É preciso preparar toda a mocidade portuguesa no critério do verdadeiro nacionalismo, base de toda a defesa nacional! Os exércitos deverão continuar a continuar a expressão do rendimento máximo do recrutamento nacional, englobando toda a gente válida da Nação! Exige-se, duma forma absoluta, a cooperação de todos os ramos da actividade nacional, na conjugação de todos os esforços e na reunião de todos os recursos! É preciso incutir na população civil a noção dos encargos que terá de assumir e dos sacrifícios, a que terá de submeter-se!»

Esta febre delirante militarista e pro-guerreira dos fascistas, dos magnates e dos generais veio revelar, brutalmente, o verdadeiro significado demagógico do «Portugal Maior» e do ressurgimento português, do mesmo modo que fez a claro que o «Estado Novo» abeira o país da nova hecatombe que, num despejo infernal de metralha, de culturas nicobrianas e de gazes de maldito poder corrosivo e asfixiante, se propõe aniquilar todo o sinal de vida, de progresso e de cultura, sobre a terra.

A preparação do ambiente ideológico, político e económico, propício à inclusão de Portugal na nova guerra segue ligado a campanhas de armamentos navais e ao rearmamento do exército de terra e do ar. A fascização dos sindicatos proletários e a ilegalização implacável do Partido Comunista, a posse da mocidade e o intervencionismo do Estado sobre todas as formas de manifestações do pensamento e da cultura, as prisões em massa e os espasmos, a redução sucessiva do nível de vida das massas pobres e o agravamento inaudito da exploração das grandes massas, a teoria do equilíbrio financeiro e o *intervencionismo* do Estado sobre a actividade económica, industrial e agrícola do país — toda esta política fascista, posta em prática através do ultimo ano, não tem sido senão uma política dirigida exclusivamente no sentido de crear no país uma economia de guerra e de preparar a recat-guarda fascista, de «rastar da população portuguesa a caminho da imperialista que amadurece velozmente nos quadros do velho mundo.

«O problema militar é o problema mais insistente e de maior interesse no campo da política superior! É preciso incutir na população civil a noção dos encargos que terá de assumir e dos sacrifícios a que terá de submeter-se! Isto significa que nos tempos que se abrem toda a vida económica e social, cultural e artística do país vai ser uma via inteiramente subordinada aos problemas da guerra. Isto quer dizer que novas e mais pesadas contribuições e impostos vão surgir; novos atentados contra o nível de vida do proletariado e dos camponeses vão ter lugar; novas e maiores proporções vão ser dadas ao regimen de trabalhos forçados e de partição do fundo do desemprego para financiamento dos trabalhos de natureza estratégica e das empresas capitalistas.

O inferno da guerra que se aproxima é o prelúdio d'un inferno muito mais afiada, na vida social que se segue a eclosão das hostilidades.

A guerra que o «Estado Novo» prepara é, em

primeiro lugar a guerra de enquadramento na cruzada imperialista de invasão da Rússia Soviética. A guerra dos imperialistas contra a URSS, é uma guerra contra-revolucionária que põe de frente a questão da defecção em massa da própria base do exército atacante das metrópoles capitalistas. Por isso toda a preparação salazarista da guerra segue ligada à militarização das populações dos domínios ultramarinos do capitalismo português. É em segundo lugar a colocação do país em pé de guerra para a intervenção imediata contra a revolução espanhola ascendente. Por isso os fascistas proclamam que a revolução operária e camponesa espanhola acalenta ambções anexionistas.

É em terceiro lugar, a guerra civil contra-revolucionária dos capitalistas, dos grandes lavradores e dos generais reaccionários contra o proletariado e os camponeses pobres, e a preparação do ambiente fascista, para serem classificados *actos de alta traição*, as minimas acções de massas, dirigidas contra a crise e contra a exploração e opressão capitalista.

O sistema capitalista de exploração e opressão proletária e camponesa, já não pode manter-se, sem levar a escravidão popular e a degradação da cultura muito alem de todos os limites humanamente suportáveis. Os novos atentados, em projecto, dos grandes ricos contra os pobres, chocam-se com a indignação revolucionária crescente das massas, contra a ditadura e contra a corrida fascista à nova guerra; e põem de frente a questão de novos e maiores levantamentos revolucionários. Os soldados e os marinheiros, da Metrópole, filhos do povo, contagiados pela influência da rebeldia popular contra a fome, não servem aos capitalistas para fazerem de *tercio marroquino, na insurreição asturiana que se aproxima*. Por isso a pandilha do «Estado Novo» e dos generais reaccionários, proclama já a necessidade de instalar, na Metrópole, algumas unidades indígenas, africanas!

O revirralho é a condução das massas á guerra, debaixo da demagogia da "democracia," e da "liberdade,"!

A demagogia do «revirralho que há-de vir» e a propaganda anarquista: «agora contra a ditadura, venha o que vier!» — são as vanguardas preparadoras da submissão completa do proletariado e dos camponeses ao fascismo e à guerra que os capitalistas preparam loucamente. A corrente Ribeiro de Carvalho-Rolão Preto, responde aos interesses dos generais do exército que declararam que, no presente, ao problema da preparação da guerra deve submeter-se toda a actividade política, económica, social e cultural do país e que, em tais condições, o *Estado Maior do Exército é que deve comandar todas as formas de manifestação desta vida*.

Tal é ao que se reduz a demagogia de «Salvação do prestígio do exército» e do «Estado Nacional-Sindicalista».

Entre o salazarismo e a corrente dos Ribeiro Rolões assiste-se, apenas, a uma *corrida de velocidade* debaixo da qual, cada uma das partes procura ser tomada como a melhor realizadora dos meios e da ideologia de preparação do ambiente geral de arrastar das massas á nova guerra.

A creença em que a guerra ainda será o melhor meio de conseguir-se a derrota do capitalismo e o triunfo da Revolução — é o resultado da propaganda contra-revolucionária dos fascistas e dos próprios chefes do «revirralho».

Se a guerra não estalou já, é porque os capitalistas observam que as grandes massas ainda não aceitaram a ideia de que a guerra é a melhor saída. Daí, aquela creença trabalha em benefício do próprio capitalismo, fante da guerra, e desarma a luta das massas contra ela. Porque a creença de que a guerra é a melhor saída, junta-se o estado de guerra de *declaração da lei marcial*, contra todas as tentativas de luta contra o chauvinismo guerreiro.

O que é preciso é organizar a luta contra a guerra e desde já! Amanhã será demasiado tarde! É preciso lutar contra a guerra até a última hora que proceda a eclosão das hostilidades! A luta corajosa das massas contra a guerra é a melhor garantia — a unica garantia! — do impedimento da guerra contra-revolucionária e imperialista e a garantia da transformação da guerra em guerra civil, pela revolução emancipadora das massas pobres e oprimidas do país.

Sem conseguir uma sujeição completa das massas a ideia da nova guerra é impossível sair á guerra!

Estas declarações dos fascistas e dos generais reaccionários do exército, provam suficientemente que as massas exploradas têm forças bastantes para impedir a nova carnificina dos capitalistas.

É preciso incutir em toda a população do país a noção dos encargos que terá de suportar e dos sacrifícios a que terá de submeter-se!

É isto, trabalhadores e anti-fascistas, o que vos proclamam os fascistas, ao cabo de cinco anos de promessas duma «nova era de ressurgimento português».

Tantos sacrifícios para quê? Para cavardes a vossa própria tumba?!

Tudo isto representa que mais um ano de dominação capitalista custará mil vezes mais encargos e sacrifícios a toda a população produtora do país, do que a revolução proletária e camponesa vitoriosa!

Só há uma saída: — a luta revolucionária das massas contra o capitalismo, pela instauração do Governo Operário e Camponês!

Por uma semana de agitação e de luta!

O Partido Comunista Português, chama-vos, explorados e oprimidos pelo «Estado Novo» a *uma semana de manifestações e de acções contra o fascismo e contra a crise, pela elevação do nível de vida das massas pobres, pela amnistia e contra a guerra*.

Enviai milhares de protestos individuais e colectivos ao Governo e à «Assembleia Nacional» contra os orçamentos militares, contra os novos decretos sobre o guerra e pela amnistia para todos os presos políticos e sociais!

Enviai protestos à Embaixada Japonesa, contra as provocações do Japão á Rússia Soviética!

Pela elevação dos salários da classe operária e por uma larga redução das contribuições e dos impostos dos camponeses e dos pequenos comerciantes e industriais!

Pela liberdade de reunião, de imprensa e de greve!

Contra o defeso na indústria de conservas e por um socorro de 50.000 semanais a todos os trabalhadores em desemprego forçado!

Abaixo o trabalho forçado das estradas!

Contratos colectivos de trabalho, mas decididos pelas Assembleias livres dos trabalhadores!

Protecção social á mulher e aos jovens trabalhadores!

Por um largo auxilio aos presos anti-fascistas!

Pela amnistia para Thaelmann!

Solidariedade ás vítimas da revolução espanhola!

Por uma larga campanha de inscrições nas paredes das ruas, dos campos e das fabricas de disticos: contra o fascismo, pela amnistia e contra a guerra! Pão é trabalho! etc.

O que quer dizer a campanha de inverno

A semana de 25 de Fevereiro a 2 de Março deve tomar-se como ponto de partida para uma campanha sistemática de luta pela frente unica anti-fascista, pela unidade de acção do movimento sindical, pelo reforço dos Sindicatos independentes e do Socorro Vermelho Internacional e pela criação, *nas fabricas e nos campos, nos transportes e comunicações, nos farrós e nas escolas, nos casernas e navios de guerra, de*

(Continua na 6ª página)



A Caminho do Rompimento da legalidade fascista!

Continuado da 1ª página

ha flutuou, durante vários dias, no cimo da mais alta das chaminés das fábricas da vila. Em determinado dia, quando os operários se dirigiam para o trabalho, as ruas estavam completamente pejadas de fôlhas e manifestos do Partido e da C. S. Ind. cat. Durante umas duas horas a luz eléctrica foi interrompida. Fora a provocação alguns comícios.

No Alentejo alguns levantamentos de trabalhadores rurais tiveram lugar. Noutras localidades do Sul promoviam-se várias manifestações.

Em Almada foi feita uma boa agitação. Um garoto percorreu as ruas apregoando o «Avante!» do Partido Comunista.

A semana de 25/2 Fevereiro/Março patenteou o estado do nosso trabalho no próprio seio das forças militares. Na fragata D. Fernando, o convez apareceu, uma manhã, cheio de fôlhas do Partido Comunista e da Organização Revolucionária da Armada. O mesmo quasi sucedeu na Sagres, e em todos os barcos de maior valor militar, foi grande a nossa afixação e a agitação intensa. No «Infante D. Henrique», flutuou uma bandeira vermelha. Do Alentejo foi lançada ao Tejo uma jangada que levava inscritas as palavras de ordem: Viva o Partido Comunista! Viva a Organização Revolucionária da Armada!

Com idênticas palavras de ordem foram lançados ao Tejo, de quasi todos os navios de guerra, cânticos que deslizaram ao sabor da corrente.

Na maioria dos quarteis de Lisboa fez-se sentir a nossa agitação.

A semana de 25/2 Fevereiro/Março apresenta-se-nos como uma primeira resposta das massas ao fascismo, à preparação de guerra, ao terrorismo salazarista e à luta peianimista.

Essa semana demonstrou que para manter-se o fascismo, a ária dos Antónios Ferros; (Salazar, Salazar, Salazar...) e a falsificação eleitoral, são fórmulas demasiado iliputianas.

A semana de 25-2 Fevereiro/Março apresentou uma salutar correcção à declaração «Salazarista» que quiz fazer crer que nós representamos uma rales seita e que o «Estado Novo» se apoia nas profundas massas do povo.

Perto de S. Pedro d' Alcântara, uma patrulha da G.N.R. surpreendeu um piquete de camaradas do Partido, que afixavam dísticos nas paredes, deitou-se a correr em perseguição dêles, aos gritos de «agarrar que são ladrões!». Os nossos camaradas deitaram-se a correr, gritando, pelo contrário: «Não são ladrões! São Comunistas! Viva o Partido Comunista! Imediatamente, o povo transeunte pos-se a cobrir as fugitivos, impedindo a sua queda nas mãos dos soldados da G. N. R.

Quando Avaró Duque Fonseca, surpreendido por uma brigada de esbirros da Polícia de Informações procurou furtar-se às suas garras, estes gritavam «agarrar que é ladrão de automóveis!»

Isto tudo demonstra bem quanto a Ditadura já se tornou um regime ilegal ante os próprios olhos do povo e quanto o povo já considera como é repelente, asqueroso e odi-

ento o papel da P. de Informações.

Da simples e pectat va, as massas já passaram a confraternização com os comunistas. Agora estão amadurecendo as premissas da luta comum entre os comunistas e as massas pelo derrubamento do fascismo.

A ru decidirá em breve ao que já se está reduzindo a capacidade de ofensiva da pandilha fascista contra o Part do Comunista e contra o movimento revolucionário.

As proclamações de «espantosa situação do «Estado Novo» já não colhem.

Ante a elevação do revolucionarismo das massas, todas as promessas miríficas do salazarismo foram metidas a ridículo.

O salazarismo que entrou em banca róta, em face da crise económica, proclama, agora, que a carestia da vida é o produto de factores externos, indomáveis...

As massas, pelo contrário, sabem muito bem que a carestia da vida e a queda do valor do escudo é o resultado da inaudita exploração capitalista de massas, da política de guerra e dos gastos com o policiamento.

As massas e o Partido Comunista sabem bem como é possível reduzir o custo da vida e tornar a vida confortável para os pobres. A revolução proletária e camponesa resolverá esse problema fundamental, por meio da expropriação dos grandes ricos e da entrega do poder proletário e camponês às profundas massas do país.

A semana de 25/2 Fevereiro/Março foi assinalada por uma larga percentagem de espontaneidade da parte do proletariado e dos explorados. No próprio caminho da luta pela realização dessa semana, tiveram lugar fortes levantamentos de camponeses, na região vinhateira do Centro e Sul (Cartaxo, Alenquer, etc.) e 196 jornalistas reclamaram a cessação imediata da censura à imprensa.

Tudo isto demonstra que o «Estado Novo» já foi sacudido nos seus fundamentos, que as massas rompem a legalidade instaurada no país pelo fascismo, que a política de preparação de guerra sofreu um rude golpe e que a perspectiva aberta ao país é a da marcha para a revolução que derrube o poder dos Salazar's.

O Governo Operário e Camponês soará como resposta breve dos pobres à exploração e opressão dos grandes ricos.

A's massas trabalhadoras saíram grandemente encorajadas da semana de 25/2 Fevereiro-Março e isto decide imensamente mais do que toda a aluvião de decretos salazarianos e de discursos na Assembleia Nacional.

Nós os comunistas temos um país inteiro a ganhar.

Rechacemos todas as nossas fraquezas e toda a nossa timidez e todas as nossas vacilações.

As massas! A's massas! Ainda às massas!

Constituíamos, já, os comités de luta preparadores do 1º. de Maio! Lutemos por uma larga paralisação e pela conquista da rua e das fábricas.

O 1º. de Maio dêste ano deve patentear não só que as massas quebrem a sua própria liberdade, mais que as massas são bastante fortes para conquista-la.

DECLARAÇÃO

Até a nós chegam rumores da circulação de boatos e ditos, a propósito de dissensões profundas que ter-se-iam manifestado, nos últimos tempos, entre dois membros responsáveis do Secretariado do Partido Comunista. Estes rumores revelam-nos, mais, que, em alguns pontos aventou-se ou aventa-se, até, a ideia de que uma cisão partidária encontrar-se-ia em perspectiva.

Estes boatos e ditos, cujos fundamentos de origem teriam tomado a sua expressão nas discussões abertas nos órgãos centrais dirigentes do Partido, a respeito da linha, tática e labor prático comunista, correspondentes às condições actuais da luta de classes no país, tendem a tomar proporções de actuação com fins desagregadores, pelo menos inconsciente e a servir de veículo ao fogo de barragem da provocação fascista e contra-revolucionária sobre os nossos quadros (se é que, em certos casos, não age já como reflexo deste fogo de barragem, conduzido em vistas da debilitação da actividade do Partido).

Ante este estado de coisas, nós, justamente as pessoas vizadas, declaramos pública e parentoriamente:

1º. Que todos e quaisquer boatos e ditos, a propósito de dissensões nos quadros dirigentes do Partido Comunista, carecem de fundamento;

2º. Que consideramos todo e qualquer trabalho fraccionário ou a existência de grupos no seio do Partido, como uma tática que não tem em vista senão ceder ao inimigo;

3º. Que exortamos toda a base partidária, as massas que gravitam na órbita da influência comunista e todos os trabalhadores e elementos honestos, a tomarem como agentes declarados ou nescios da reacção fascista, todos aqueles que se entregam ao cultivo do boato e do dito sobre as pseudo-divisões nos quadros dirigentes do P.C.P.;

4º. Que como dirigentes responsáveis centrais do Partido Comunista, só um triplice objectivo nos anima: a revolução proletária e camponesa, a mais estrita fidelidade marxista-leninista-staliniana à I.C. e a luta incessante pelo reforço da unidade do Partido.

Janeiro de 1935

a a) Albino Raul

Luta contra a guerra e o fascismo!

(Continuado da 5ª página)

Comités de Luta contra o fascismo e contra a guerra! Juventude trabalhadora e estudantil! Mulheres do povo, em geral!

Associai-vos à luta do Partido Comunista pelo derubamento da ditadura, pela paz, pelo pão e pela liberdade, que é a única grande causa que pode preencher o vosso desejo de vos entregardes a uma causa grande!

**VIVA A UNIÃO SOVIÉTICA!
VIVA A INTERNACIONAL COMUNISTA!
VIVAM AS JUVENTUDES COMUNISTAS!
VIVA O PARTIDO COMUNISTA!**

Fevereiro de 1935

(Apelo do Partido Comunista Portugues-S.P.J.C.)

Internacionalismo proletário

A URSS é realidade mais demonstrativa da força que encerra o internacionalismo proletário.

A insurreição asturiana calou fundo entre o proletariado de todos os países. Mas os trabalhadores russos sabem pesar, e no nenhuns outros, quanto vale uma insurreição proletária.

As notícias sobre as batalhas épicas das Astúrias eram esperadas com anseio pelo proletariado soviético.

Logo que foi conhecida a notícia do esmagamento dessa insurreição o proletariado russo correu veloz a auxiliar as vítimas da revolução espanhola.

A primeira queto aberta nas fábricas da URSS rendeu 3.000.000 de francos. Esta quantia foi remetida na íntegra a essas vítimas.

Isto é a demonstração mais clara de que o internacionalismo praticado pelos comunistas não é uma palavra vã.

A venda livre do pão

No dia 1 de Janeiro de 1935 comecou em todos os centros urbanos da URSS a venda livre do pão. Centenas de telegramas enviados de todos os cantos d União, anunciam que a venda do pão se efectua normalmente. Foram abortas 19.300 novas padarias e a produção de pão aumentou de 11.914 toneladas por dia. A população acolheu esta medida com satisfação.

O novo Soviete de Moscovo

O Soviete de Moscovo, saído das recentes eleições, reuniu-se pela primeira vez no dia 3 de Janeiro. O Soviete conta 2.056 deputados, operários e empregados, soldados e oficiais do Exército Vermelho, engenheiros, técnicos, escritores e artistas, domésticas e artilhões. Entre os deputados contam-se 371 mulheres, 223 representantes da juventude contando entre 18 a 25 anos; 1.341 deputados novos são operários e 459 empregados. 1.094 são membros do Partido Comunista e 163 das Juventudes Comunistas. O Soviete de Moscovo conta, enfim, entre os seus deputados 85 cidadãos estrangeiros, operários engenheiros, etc... que trabalham em Moscovo.

Entre os deputados do novo Soviete contam-se: J. Staline, os membros do Comité Central do Partido Comunista e os membros e o Governo da URSS; o presidente da Academia das Ciências da URSS, o professor Karpinski; os técnicos Volguine, Gulkine, Krijanovski, Kistiakovsk, da Academia das Ciências; numerosos professores dos institutos científicos e das escolas superiores de Moscovo, entre os quais Otto Schmidt, chefe da expedição Tcheliuskine, os escritores Maximo Gorki, Demian, Bieduy, Fedor Gladkoff, Mariette Chaguian, Malchikine; os artistas dramáticos, Katchalof e Labimoff-Lundskoff; todos os aviadores-heróis da URSS.

A estes 2.056 deputados do Soviete de Moscovo e aos deputados dos Sovietes de «Raio», cujo número se eleva a cerca 6.500 é preciso juntar ainda cerca de 2.000 «seccionários», representantes de empresas e de instituições, que estão à disposição do Soviete e lhe prestam o seu concurso,